

A PAIXÃO NOS UNE? A IDENTIDADE BRASILEIRA E A ESTRATÉGIA DA CANDIDATURA DO RIO DE JANEIRO AOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016

Thiago Espíndola Lira (UEPB/CNPq/INEU) thiago.espindola@hotmail.com

RESUMO

A paixão nos une! Foi nesse bordão e no discurso apaixonado do presidente Lula em Copenhague que o Brasil apoiou sua estratégia para vencer as eleições para sediar os Jogos Olímpicos de 2016; sendo assim, pela primeira vez em toda a história teremos um país Sul-Americano recebendo as Olimpíadas. Observando que esse acontecimento transcende as questões esportivas e atinge um nível reconhecidamente político, estudar a forma como o Brasil conduziu a candidatura torna-se de fundamental importância para avaliar o modelo de inserção internacional adotado pelo país no período atual, que busca romper com o estigma do atraso e da miséria e atingir um patamar mais influente e consistente dentro do cenário global. O objetivo do presente artigo consiste em aprofundar os estudos sobre a estratégia do Comitê Olímpico Brasileiro englobando fatores políticos, culturais, econômicos e sociais; tendo como fio condutor o diálogo realizado pelo governo entre a nossa identidade nacional e a fase de desenvolvimento vivenciada pelo país na nova ordem internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Rio 2016. Identidade brasileira. Jogos Olímpicos. Nova ordem Internacional.

ABSTRACT

Passion unites us! It was at this staff and at the passionate speech of President Lula in Copenhagen that Brazil supported its strategy to win the election to host the 2016 Olympic Games. So, for the first time in the whole history, a South-America country is going to host the Olympics. Noting that this fact transcends sports issues and reach a political level, to study how Brazil has conducted the nomination becomes really important to evaluate the model of international insertion adopted by the country in the current period; a model that seeks to break the stigma of backwardness and poverty and achieve a level more consistent and influential within the global scenario. The aim of this paper is to deepen the studies on the strategy of the

Brazilian Olympic Committee, encompassing political, cultural, economic and social aspects. We are going to take as a guide the dialogue promoted by our government between the history of our national identity and the contemporary phase of development experienced by our country in the new international order.

KEYWORDS: Rio 2016. Brazilian Identity. Olympic Games. New International Order.

INTRODUÇÃO

O ano de 2009 representa um marco para a história dos Jogos Olímpicos, pela primeira o Comitê Olímpico Internacional (COI) elegeu, com 66 dos 98 votos, um país Sul-Americano como sede de uma Olimpíada, mais precisamente a cidade do Rio de Janeiro para os Jogos de Verão de 2016. A candidatura brasileira derrotou no pleito final, que contou até com a presença do badalado presidente estadunidense Barack Obama, outras três cidades¹ de países que pertencem ao eixo do “norte”, nomenclatura genericamente utilizada para definir os países mais “desenvolvidos” e conseqüentemente mais acostumados a sediar as Olimpíadas.

A vitória do Brasil não só introduziu o continente Sul-Americano na história dos Jogos, como também representou um significativo passo de inserção internacional do nosso país, rompendo barreiras da desconfiança e atestando nossa capacidade de realizar um evento do porte das Olimpíadas. Se durante muito tempo o Brasil foi visto apenas como um país atrasado, com uma economia instável, dotado de uma profunda miséria e altos níveis de violência, cujos únicos motivos de orgulho eram o futebol, o carnaval e as praias; a decisão do Comitê Olímpico Internacional, que representa a visão de uma pequena e significativa representação da opinião pública internacional, eleva o Brasil a um novo patamar dentro do cenário internacional. Nas palavras do nosso presidente: “O Brasil sempre foi grande e importante, mas precisava dessas Olimpíadas como uma forma de desafio.” (LULA DA SILVA, 2009a)

Além de apresentar um breve histórico das Olimpíadas sob um viés político, o objetivo deste artigo insere-se dentro do contexto exposto acima: admitindo que o governo brasileiro adotou um posicionamento durante a campanha que ia além de motivações esportivas, buscaremos entender mais profundamente qual a estratégia política utilizada pelo país nesse

¹ Tóquio no Japão, Chicago nos Estados Unidos e Madri na Espanha.

período singular de nossa história, que parece caminhar na direção de um novo modelo de inserção internacional progressivamente autônomo.

Quando o presidente Lula discursava “apaixonadamente” no dia da escolha da cidade vencedora, em Copenhague na Dinamarca, um dos argumentos utilizados para defender o projeto brasileiro consistia em apelar para a identidade do povo brasileiro, um “povo de misturados” que gosta muito de ser assim, capaz, segundo o mesmo, de conviver bem com o “diferente”; convivência essa que vem sendo um dos principais desafios do mundo contemporâneo, essencialmente marcado pela intolerância entre as diferentes raças e religiões.

Essa utilização, por parte das elites políticas, de possíveis valores que seriam inerentes ao povo brasileiro visando alcançar determinados objetivos políticos também receberá significativo destaque ao longo do nosso trabalho. Procuraremos analisar se essa já não é uma prática comum ao longo de nossa história e pormenorizaremos de que forma essa prática foi particularmente utilizada no caso da candidatura brasileira aos Jogos de 2016.

Ao tratar a vitória do Rio de Janeiro majoritariamente como um marco positivo de inserção internacional para o Brasil, o presente trabalho não esquece os pontos polêmicos que envolvem esse fato, como a ausência de um plano mais incisivo de solução dos problemas internos do país: a crescente violência, as nossas intermináveis desigualdades sociais e nossos altos índices de corrupção, que podem aumentar com a realização das obras olímpicas. Mesmo entendendo que a discussão desses pontos críticos seja de fundamental importância para a realização dos Jogos e também para o desenvolvimento do nosso país, o artigo volta-se primordialmente para o impacto internacional da candidatura carioca e para a estratégia utilizada pelo governo brasileiro.

“A paixão nos une” era o tema do principal vídeo da apresentação brasileira em Copenhague! Mas qual paixão? E, sobretudo, quem realmente somos nós?

A POLITIZAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS

A história dos Jogos nos remete para a Grécia antiga no século VIII a.C., onde as Olimpíadas surgiram diretamente associadas a um festival religioso de culto ao deus Zeus, com

isso, muitos estudiosos afirmam que a promoção de valores como o bom relacionamento e a unidade entre os povos foram herdados de princípios religiosos. Também data dessa época a “Ekecheiria”, expressão grega que simboliza uma espécie de “Trégua Olímpica” onde as autoridades locais faziam um acordo de paz durante o período de realização dos Jogos e as rivalidades entre as cidades ficavam suspensas.

O evento acontecia na cidade de Olímpia, região do Peloponeso que se caracterizava como um pólo político e religioso da época, com disputas de corrida, equitação, manipulação de armas de guerra, boxe, salto em distância, arremesso de disco, entre outros. Uma norma interessante datada dessa época é que qualquer cidadão grego poderia participar dos jogos, independente de sua posição social. As mulheres, entretanto, tinham essa participação vedada: apenas as solteiras tinham o direito mínimo de assistir aos eventos e por vezes participar das competições como convidadas. A troca de “cidades” pelas quais se competia também era permitida, fazendo com que alguns casos particulares de revoltas populares entrassem para história, como, por exemplo, o que aconteceu com Astylos em 484 a. C., que ao trocar Kroton por Syracuse teve sua estátua demolida e sua casa transformada em prisão².

As Olimpíadas continuaram acontecendo a cada 4 anos até 393 d.C. quando foram suspensas pelo imperador Teodósio I, por serem entendidas como uma manifestação pagã incompatível com os ideais do cristianismo que estavam sendo adotados pelo Império Romano ascendente.

Escondidos no esquecimento por 1500 anos, os Jogos foram resgatados por iniciativa de um aristocrata francês que em 1892 apresentou-se num congresso internacional na Sorbonne para propor a reorganização de um evento desportivo internacional periódico que pudesse celebrar a paz entre as nações, visto que a França acabava de sair de uma guerra com a Alemanha. Desde então, o Barão de Coubertin é então considerado o “pai” das Olimpíadas modernas, que além de propor a iniciativa também foi o fundador do Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1896, entidade que presidiu por 29 anos. Criador da máxima: “o importante não é vencer, mas competir”, em 1938 Coubertin teve seu coração enterrado próximo às ruínas de Olímpia, na Grécia.

O então ministro da Cultura Grego assim se pronunciou sobre o fato: “Seu coração está, neste momento, depositado no solo sagrado de Olímpia... Um bloco de mármore helênico

² Fatos sobre as Olimpíadas da Antiguidade disponíveis em: <http://en.beijing2008.cn/78/74/article211987478.shtml>.

branco... marcará para sempre a sua passagem iluminada neste mundo e consagrará a memória de suas lutas pelos Jogos Olímpicos.³” (GEORGACOPOULOS *apud* LUCAS, 2001, p.2, tradução nossa)

A partir de 1896 temos então o início dos “Jogos Modernos” que perduram até os dias atuais, tendo sido interrompidos apenas no período das duas grandes guerras mundiais (1916, 1940 e 1946). Essa consolidação das Olimpíadas como um evento mundial e periódico contribuiu significativamente para que fatores extra-esportivos alterassem a importância e a relação dos Jogos para com a humanidade, desde então, aspectos políticos passaram a ganhar cada vez mais destaque nas diversas edições contemporâneas, deixando muitas vezes o próprio esporte em segundo plano.

O racismo foi uma das questões que sempre esteve em pauta durante a realização das Olimpíadas. No ano de 1936, por exemplo, durante a realização Jogos de Berlim, o chanceler alemão Adolf Hitler queria utilizar-se das Olimpíadas para comprovar a superioridade da raça ariana e promover o nazismo, optando então por retirar-se do estádio para não ter que cumprimentar o atleta negro norte-americano Jesse Owens por sua vitória frente um dos grandes atletas alemães, Lutz Long⁴. Outro fato marcante relacionado ao racismo aconteceu na Cidade do México (1968), quando os atletas estadunidenses Tommie Smith e John Carlos subiram ao pódio usando luvas pretas e mantiveram os punhos cerrados e erguidos para protestar contra o preconceito racial que imperava nos Estados Unidos.

Um dos temas mais temidos da atualidade também manchou a história dos Jogos Olímpicos de Munique (1972), o terrorismo. Tudo estava sendo programado para refazer a imagem alemã que estava desgastada após as Olimpíadas de Berlim, e Munique deveria ficar marcada como a cidade que sediaria os “Jogos da Paz”, mas os fatos se sucederam de uma maneira inesperada e infeliz. Em 5 de setembro, oito terroristas da facção palestina Setembro Negro invadiram a vila olímpica e após matarem dois atletas fizeram nove israelenses como reféns, exigindo a libertação de prisioneiros palestinos como condição para o fim do seqüestro. Além do ato em si, os terroristas pretendiam utilizar de um evento de proporções globais para divulgar a luta pela independência da Palestina, fato que tornou as negociações bem mais

³ *Your heart is at this moment deposited on the sacred soil of Olympia... A block of white Hellenic marble... will for ever mark your illuminated passage in this world and will consecrate the memory of your struggles for the Olympic Games.*

⁴ Alguns estudiosos chegam afirmar que esse fato não passa de um mito. Para maiores esclarecimentos consulte o artigo de Rick Shenkman disponível em: <http://hnn.us/articles/571.html>.

complicadas. A espetacularização promovida pela mídia inaugurou uma espécie de terrorismo moderno, que passaria a adotar essa estratégia na realização de seus atentados. O fracasso da tentativa de resgate por parte da polícia alemã resultou na morte de todos os reféns israelenses.

Outro elemento político que afetou diretamente a consolidação dos Jogos Olímpicos como um evento de promoção da paz e da integração, foi representado pelos boicotes realizados ao longo da Guerra Fria. Em Montreal (1976), a Tanzânia liderou um grupo de 28 países africanos que pretendiam chamar a atenção para o *apartheid* na África do Sul. Já em Moscou (1980), foi a vez dos Estados Unidos liderarem um boicote de 62 países para protestar contra a invasão do Afeganistão pela União Soviética, deixando para história uma das cenas mais marcantes dos Jogos quando um painel humano encenou o choro da mascote dos Jogos, a ursinha Misha. Os soviéticos, por sua vez, alegaram questões de segurança para não participarem dos jogos seguintes em Los Angeles (1984). Todas essas tentativas citadas trouxeram pouco ou nenhum resultado político, fazendo apenas com que a essência dos Jogos fosse marginalizada.

É fato que evidências negativas do jogo político que envolve as Olimpíadas ganham bem mais destaque na mídia e na memória das massas, como por exemplo, a constatação de que a lógica dos Jogos da antiguidade, quando a guerra parava para realização das olimpíadas, encontra-se invertida; mas entendemos que também alguns aspectos positivos merecem destaque especial ao longo do trabalho.

Uma das mais significativas tradições da era antiga está sendo revivida nos jogos contemporâneos e vem transformando de forma extremamente benéfica o cenário político internacional, trata-se da “*Ekecheiria*”. Esse tradição de trégua de hostilidades entre nações adversárias durante a realização das Olimpíadas, levou o Comitê Olímpico Internacional em parceria com as Nações Unidas a desenvolver desde 1992 iniciativas que promovessem valores comuns durante a realização dos jogos modernos e em 2000 aconteceu a criação da Fundação Internacional para a Trégua Olímpica⁵. Essa entidade tem como objetivos:

- a) promover os ideais Olímpicos para servir a paz, a amizade e a compreensão no mundo, e em particular, promover a antiga tradição grega de Trégua Olímpica.
- b) iniciar a prevenção e a resolução de conflitos através do esporte, da cultura e dos ideais Olímpicos, através da cooperação com todas as organizações inter-governamentais ou não-governamentais especializadas nesse campo, desenvolvendo programas educativos e de pesquisa, e lançando campanhas para promover a Trégua

⁵ *International Olympic Truce Foundation - IOTF*

Olimpica.⁶ (International Olympic Truce Foundation, 2000)

Esse esforço concentrado do COI e da ONU para promoção de uma cultura de paz através do esporte já foi capaz de nos oferecer admiráveis exemplos de unidade entre as nações. Podemos observar em Barcelona (1992) que mesmo enfrentando sanções da ONU devido a sua guerra civil, os atletas Iugoslavos puderam participar das Olimpíadas como “participantes olímpicos independentes”, nos dando um belo exemplo de espírito esportivo. No entanto, a cena que notadamente entrou para história das Olimpíadas e da humanidade foi a da abertura dos jogos de Sidney (2000), quando mesmo que competindo separadas, as delegações das duas Coreias desfilaram juntas sob uma única bandeira pela primeira vez, deixando de lado décadas de conflitos e desentendimentos políticos, militares e ideológicos. Mesmo que em Pequim (2008) as Coreias tenham optado por participarem da abertura de forma separada, imagens como a da Olimpíada de Sidney nos deixaram a esperança de que propor a unidade, o diálogo e a tolerância através do esporte pode se concretizar como uma proposta viável e efetiva.

Se o boicote nos traz tristeza e lamentações, o fim do boicote também é motivo de alegria por representar um recomeço, e assim aconteceu também em Barcelona (1992): sob o slogan de “Amigos por toda a Vida” e após a queda do Muro de Berlim, esse Jogos representaram a volta da participação maciça dos países e serviram de exemplo prático de como as Olimpíadas podem contribuir para o restabelecimento da paz e o fim das hostilidades.

Essa série de fatos positivos e negativos apresentados acima nos demonstra o incessante processo de politização pelo qual os Jogos Olímpicos vêm passando, um processo que é perceptível desde a origem das Olimpíadas, mas que entra cada vez mais em evidência. O nosso desafio passa agora a tentarmos entender como Brasil se utilizou desse contexto para alcançar benefícios dentro do cenário internacional, destacando inicialmente como a identidade nacional vem sendo usada como estratégica política em nosso país.

⁶ a) *To promote the Olympic ideals to serve peace, friendship and understanding in the world, and in particular, to promote the ancient Greek tradition of the Olympic Truce; b) To initiate conflict prevention and resolution through sport, culture and the Olympic ideals, by cooperating with all inter and non-governmental organisations specialised in this field, by developing educational and research programmes, and by launching communications campaigns to promote the Olympic Truce.*

IDENTIDADE NACIONAL E ESTRATÉGIA POLÍTICA

A idéia de nação é fortemente permeada pelo subjetivo, por um sentimento muitas vezes pessoal cujas raízes são de difícil acesso, sendo extremamente complicada a definição de um conceito que realmente represente a realidade desse imaginário coletivo. Ciente da evolução da idéia de nação, que vai desde a unidade ética até a recente associação ao campo político, e da incapacidade das definições objetivas traduzirem com veracidade o que representa a “nação” propriamente dita, Hobsbawm simplifica esse problema, tratando-a como “qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação” (HOBSBAWM, 1991, p.18), sendo essa a postura igualmente adotada neste artigo.

Essa idéia de um imaginário nacional compartilhado por um grupo relativamente significativo de pessoas é de fundamental importância para realizarmos a análise a que estamos nos propondo. Num mundo contemporâneo marcado por um tremendo individualismo é interessante pensar com um jogo de idéias pode ser capaz gerar determinados padrões de comportamento coletivos. O alcance desse sentimento pode ser exemplificado nas seguintes palavras de Duroselle: “os valores são uma das grandes forças que agem sobre as comunidades humanas. São idéias ou sistemas de idéias pelos quais com maior ou menor entusiasmo o homem está pronto para sacrificar seu interesse pessoal” (DUROSELLE *apud* PECEQUILO, 2004, p. 108).

Ao tratar do tema das identidades, as nacionais e, sobretudo, as regionais, Fareed Zakaria as entende como “traços definidores da vida. É o que determina o voto das pessoas e aquilo pelo qual dão sua vida.” (ZAKARIA, 2008, p. 49) Portanto, se temos essa identidade como inegável fonte de poder político, se faz necessário estar atento aos mecanismos que podem ser utilizados para criá-la, controlá-la e até mesmo forjá-la. Atentamos também uma visão extremamente crítica de Gellner, onde o mesmo afirma que “o nacionalismo não é o despertar das nações para autoconsciência: ele inventa nações onde elas não existem” (GELLNER *apud* ANDERSON, 1989, p. 14). A partir de então, podemos identificar alguns desses aspectos essencialmente políticos também ao longo da constituição de nosso país.

Antes de tudo, caracterizemos o termo *brasileiro*. Um dos mais respeitáveis estudiosos da área, Darcy Ribeiro, sugere que ele surge “quando começou a plasmar-se a configuração histórico-cultural nova, que envolveu seus componentes em um mundo não apenas diferente, mas

oposto ao do índio, ao do português e ao do negro” (RIBEIRO, 2006, p. 114). O autor afirma também que o grande fruto do processo de colonização foi a formação do povo brasileiro, consolidado a partir da Independência de nosso país; que representou o rompimento com a estrutura social e política em vigência até então conduzida Pacto Colonial.

Já no ano de 1838, logo após a Independência, tivemos a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, órgão com a função de criar uma “História do Brasil” que teve sua atuação assim caracterizada por Claudia Regina Callari:

Aos intelectuais do IHGB competia, portanto, a definição do projeto da nação de que se falava. Esse projeto nacional incluía, além da defesa da Monarquia, a apologia da centralização (o que se refletia na própria concepção do IHGB como núcleo produtor de saber) e do catolicismo, alicerce da nacionalidade. O caminho para a tão almejada civilização, pensada segundo os moldes europeus, deveria passar, inevitavelmente, pela educação, elemento fundamental na unificação ideológica das elites. (CALLARI, 2001, p. 66-67)

Data também desse período pós-colonial o esforço por parte de alguns setores em promover a identificação da sociedade brasileira com ícones nacionais. Já em 1857, com o político e escritor José de Alencar, a literatura construía um herói nacional que representasse para o Brasil aquilo que os cavaleiros medievais representavam para a Europa. Foi então que no romance indianista “O Guarani” surgiu a figura de Peri, um índio brasileiro que possuía quase todas as qualidades físicas e mentais imagináveis para um ser humano, sendo, portanto, digno de admiração e referência para povo brasileiro da época.

Outro ícone da história do nosso país foi desmitificado para o grande público em reportagem do “Fantástico” de 23 de setembro de 2007. Apoiada no trabalho de historiadores, a reportagem afirma que Tiradentes permaneceu na obscuridade até a Proclamação da República, quando os pensadores positivistas encontraram nele uma personificação dos ideais republicanos, mitificando sua biografia e transformando a data de sua morte no primeiro feriado da república brasileira. A grande “novidade” é que, ao contrário do que se percebe na moeda de 5 centavos de real em vigor desde 1998, Joaquim José da Silva Xavier não possuía barba nem cabelos compridos pelo fato de ser um alferes e por tais costumes serem proibidos nos presídios da época. Essa associação com a face de Jesus Cristo mostra o interesse e a necessidade da nação possuir um herói que possa lhe servir de exemplo nos momentos mais difíceis; foi nesse intuito que o

General Castelo Branco, após golpe militar de 1964, teve como uma de suas primeiras medidas declarar Tiradentes como o patrono da Pátria Brasileira.

Apoiados nesses fatos pontuais podemos afirmar que a identidade nacional foi usada como instrumento político por diversas vezes ao longo da história brasileira, não sendo o discurso do presidente Lula na Dinamarca, voltado para a exaltação de determinados valores que pertenceriam ao nosso imaginário coletivo, uma novidade dentro de nossa história político-cultural.

Tentemos agora pormenorizar a estratégia do governo brasileiro visando fazer do Rio de Janeiro a cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

A CANDIDATURA BRASILEIRA

O processo que resultou na escolha do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016 iniciou-se em maio de 2007 quando o COI pediu que todos os países interessados em sediar os Jogos lançassem suas propostas para respectiva avaliação. As propostas apresentadas foram de Baku (Azerbaijão), Doha (Qatar), Praga (República Tcheca), Chicago (Estados Unidos), Madri (Espanha), Tóquio (Japão) e Rio de Janeiro (Brasil); e após decisão anunciada pelo COI em Junho de 2008, apenas as quatro últimas permaneceram na disputa.

Em seguida, as quatro cidades restantes passaram pelo período de inspeção dos membros do COI, quando a candidatura do Rio de Janeiro foi amplamente favorecida pelo fato da visita dos técnicos internacionais coincidir com o feriado de 1º de maio, dia em que o trânsito carioca estava bem mais calmo que o normal. Ao contrário de outras cidades, no Rio não aconteceram protestos significativos e a cidade também passou por um “processo de embelezamento”, quando ambulantes e sem-tetos foram retirados das ruas.

A chefe da comitiva do COI assim definiu a passagem dos avaliadores pelo Rio de Janeiro:

Estamos muito impressionados com o que o Rio pode oferecer ao movimento olímpico. Em nossa estadia, vimos a unidade do time de candidatura sob liderança do COB e o alinhamento dos três níveis de governo com o presidente Lula, o governador (Sérgio Cabral e o prefeito (Eduardo) Paes. O trabalho do comitê de candidatura foi profissional, mostrou trabalho duro e foram hospitaleiros. (MOUTAWAKEL *apud* DORO, 2009)

Rapidamente a candidatura do Rio tornou-se a candidatura de todo o país, e ao longo do período de campanha declarações na imprensa internacional foram dando força ao projeto brasileiro, que sempre figurou entre os favoritos nas principais casas de aposta do mundo. Esse cenário favorável ao país acabou criando grandes expectativas em torno de uma vitória que praticamente não foi cogitada nas três tentativas anteriores⁷.

Também o nosso legislativo contribuiu para engrandecer a candidatura brasileira aprovando por definitivo o Ato Olímpico em setembro de 2009, documento que ratifica e 64 garantias por parte do Governo Federal relacionadas ao projeto do Rio de Janeiro para os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. Esse fato relaciona-se diretamente com o conceito de “Jogos de Dois Níveis” de Putnam(1993), onde o autor exalta a participação de meio doméstico como um importante instrumento de barganha no âmbito das relações internacionais; no caso do Ato Olímpico, utilizado para favorecer e fortalecer a proposta da candidatura brasileira.

Chegado o dia da escolha da cidade-sede, o Brasil montou uma verdadeira “seleção” para defender a sua candidatura frente aos demais membros do COI. Discursaram o Presidente do Banco Central, Henrique Meireles, exaltando a estabilidade da economia brasileira e as expectativas de crescimento até 2016; o prefeito Eduardo Paes e governador Sérgio Cabral, que mostraram a união dos diferentes níveis de governo em torno do projeto brasileiro e a viabilidade estratégica da candidatura para o desenvolvimento da cidade e do estado; a medalhista olímpica Isabel Swan, ressaltando sua relação com a cidade do Rio de Janeiro enquanto atleta; o membro decano do COI e ex-presidente da Fifa, João Havelange, mostrando vitalidade ao comentar o desejo de comemorar seu centésimo aniversário no ano em que o Brasil poderia receber as Olimpíadas; e o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Arthur Nuzman, e o secretário geral da candidatura do Rio 2016, Carlos Roberto Osório, que aprofundaram os detalhes técnicos e práticos a respeito da proposta brasileira.

Entretanto, o “capitão do time” era realmente o presidente Lula, e analisando o seu discurso, no que pelo mesmo foi definido como “talvez o dia mais emocionante da minha vida, o dia aonde senti muito mais orgulho de ser brasileiro do que eu já sentia” (LULA DA SILVA, 2009b), podemos entender bem o verdadeiro sentido atribuído pelo governo brasileiro à candidatura da cidade do Rio de Janeiro. Enquadrando-se como portador da “esperança e dos

⁷ Brasília em 2000, e Rio de Janeiro em 2004 e 2012.

sonhos de mais de 190 milhões de brasileiros” (LULA DA SILVA, 2009a) fica claro desde início o forte apelo emocional da fala do presidente.

O argumento de Lula gira em torno não só da capacidade estrutural do país para receber as Olimpíadas, mas, sobretudo, na identidade nacional do povo brasileiro, altamente compatível com os ideais olímpicos. Para o presidente,

somos um *povo apaixonado* pelo esporte, apaixonado pela vida... não só somos um *povo misturado*, mas um povo que gosta muito de ser misturado, é o que faz nossa *identidade*... é hora de acender a pira olímpica num *país tropical*... para o movimento olímpico [será] uma oportunidade sentir o *calor* do nosso povo, a exuberância da nossa cultura, o sol da nossa *alegria*... as portas do Brasil estão abertas para a maior *feira* da humanidade... os Jogos Olímpicos do Rio serão inesquecíveis, pois estarão cheios da *paixão*, da *alegria* e da *criatividade* do *povo brasileiro*. (LULA DA SILVA, 2009a, grifos nossos)

O discurso de Lula deixa claro que a grande estratégia do país é apelar exatamente para a nossa identidade, permeando seus argumentos com palavras como alegria, calor e paixão. Repetindo, dessa forma, uma prática que foi adotada ao longo de vários momentos de nossa história, desta vez buscando não só o consenso nacional como também vantagens na inserção internacional. A apresentação brasileira nos colocou diante de um país emergente que demonstra cumprir os requisitos estruturais para sediar uma Olimpíada, e que além de tudo ainda resguarda valores como a felicidade, a simpatia e a criatividade; num contexto desses quem não gostaria de ser brasileiro?

A fala do presidente foi imediatamente seguida por um vídeo cujo bordão era “Viva sua paixão”, tentando retratar o quão bem acolhido seria aquele que, seja qual fosse a sua naturalidade, viesse participar dos Jogos Olímpicos na “Cidade Maravilhosa”. Propondo também que o mundo estará junto como nunca antes quando cada um permitir que a “paixão nos una”.

Confirmada a vitória o Rio de Janeiro, Lula diverte-se na coletiva de imprensa ao comentar que os membros da equipe brasileira tentavam descobrir se o presidente do COI, Jacques Rogge, gostava ou não de brasileiros a partir do fato dele sorrir ou não, ressaltando essa identidade brasileira como a grande força da campanha. Ainda na coletiva de imprensa, para o presidente “tinha uma coisa que faltava para o Brasil, nós fomos um país que fomos colonizados e pelo fato de termos sido colonizados nós tínhamos manias de ser pequenos, tínhamos mania de não sermos importante, nós sempre achávamos que os outros podiam e que a gente não podia.” (LULA DA SILVA, 2009b) Lula demonstra, dessa forma, plena consciência de todos os fatores

históricos que estavam em jogo naquele momento, interpretando a vitória brasileira como uma questão que transcende motivações puramente esportivas e prevendo uma ordem internacional que considere a importância do Brasil.

Consolidada a vitória do Rio de Janeiro, assim se pronunciou o presidente do Comitê Olímpico Internacional: “Esse convite para “viver sua paixão” claramente marcou meus colegas, e agora nós estamos ansiosos para ver o Rio de Janeiro sediando os primeiros Jogos Olímpicos no continente Sul-Americano. Parabéns Rio!”⁸ (ROGUE *apud* OLYMPIC MOVEMENT, 2009). A vitória do Rio de Janeiro marca, portanto, a história não só dos Jogos Olímpicos, como também a do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como Hitler usou os jogos de Berlim(1936) para propagar um valor (a superioridade da raça ariana), também o presidente Lula se serviu desse momento, onde as atenções do mundo estavam voltadas para a escolha da cidade-sede das Olimpíadas de 2016, para defender uma nova ordem internacional mais inclusiva, que conte com o Brasil como um de seus protagonistas. Mesmo se valendo da “alegria” de nosso povo como uma forte “bandeira eleitoral”, o Brasil também procurou inserir em sua apresentação argumentos econômicos, políticos e sociais favoráveis a candidatura do país, como ficou claro na presença do presidente do Banco Central do Brasil, Henrique Meireles; defendendo também valores como a democracia e o combate a pobreza.

A partir do exposto ao longo do trabalho, percebemos que apelar para identidade nacional não é uma estratégia recente na história política de nosso país, entretanto, a medir pela vitória do Rio de Janeiro, podemos dizer que esse recurso foi usado com brilhantismo pelo governo brasileiro para angariar os votos necessários dentro do Comitê Olímpico Internacional, dando início a um novo período não só para a história das Olimpíadas como também para uma nova ordem internacional “na qual o nosso país conquistou o seu lugar.” (LULA DA SILVA, 2009a)

A partir do conceito de *soft power*, que é entendido não apenas como influência mas como “capacidade de sedução e de atração” (NYE JR., 2005. p. 29), onde os países buscam imprimir

⁸ “This call to “live your passion” clearly struck a chord with my fellow members, and we now look forward to seeing Rio de Janeiro staging the first Olympic Games on the continent of South America. Well done, Rio!”

sua agenda no cenário internacional a partir de fatores que não sejam essencialmente militares e econômicos, podemos entender que o governo brasileiro aumentou seu poder dentro do meio global, algo que pode trazer futuros benefícios para país além da própria oportunidade de sediar os Jogos.

Por fim, admitindo que a vinda das Olimpíadas para o Brasil representará um estímulo para o desenvolvimento, nos restam dois grandes desafios: o primeiro deles é a necessidade de promover as mudanças estruturais de âmbito social, fazendo com que as pessoas aqui nascidas não só sintam orgulho de serem brasileiras porque vão receber uma Olimpíadas, mas, sobretudo, porque vivem num país que oferece acesso universal e de qualidade a educação, saúde, segurança e emprego. O segundo desafio consiste em imprimir uma influência positiva dentro da nova ordem mundial que passa a se configurar cada vez mais como multipolar, fazendo com que os valores de unidade, tolerância e respeito propostos pelo projeto brasileiro não sejam apenas práticas discursivas, mas políticas que serão realmente adotadas e defendidas dentro do cenário internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. (1989) Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática.

ALENCAR, José. (2004) O Guarani. São Paulo: Martin Claret, 279 p.

CALLARI, Cláudia Regina. (2001) Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. Rev. bras. Hist. [online], Vol. 21, Nº 40, 2003, p. 59-82.

DORO, Bruno. (2009) Após sabatinas e visita maquiada, COI elogia candidatura Rio-2016. Publicado em Uol Esporte [<http://esporte.uol.com.br/ultimas/2009/05/02/ult58u1493.jhtm>]. Disponibilidade: 03/11/2009.

HOBBSAWN, Eric. (1991) Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 230 p.

International Olympic Truce Foundation. (2009) Objectives. Publicado em Olympic.org [http://www.olympic.org/uk/organisation/missions/truce/foundation_uk.asp]. Disponibilidade: 03/11/2009.

LUCAS, Jonh. (2009) The Death and Burial of Coubertin. Publicado em LA84Foundation.org [<http://www.aafla.org/SportsLibrary/JOH/JOHv9n3/johv9n3g.pdf>]. Disponibilidade: 04/11/2009.

LULA DA SILVA, Luís Inácio. (2009a) Discurso de Lula para o COI - Olimpíadas Rio 2016. Publicado no YouTube [<http://www.youtube.com/watch?v=JT5KHpUNY6Y>]. Disponibilidade: 04/11/2009.

LULA DA SILVA, Luís Inácio. (2009b) LULA comenta Rio Sede Olimpíadas 2016 - Coletiva 02/10/09 Parte1. Publicado no YouTube [http://www.youtube.com/watch?v=FNVvewLkc_E]. Disponibilidade 04/11/2009.

NYE JR., Joseph S. (2005) O Paradoxo do Poder Americano: Por que é que a única superpotência mundial não pode actuar isoladamente? Lisboa: Gradiva, 248 p.

OLYMPIC MOVEMENT. (2009) Elections for the 2016 Games. Publicado em Olympic.org [<http://www.olympic.org/en/content/Olympic-Games/Candidate-Cities/Elections-for-the-2016-Games/>]. Disponibilidade: 03/11/2009.

PECEQUILO, Cristina S. (2004) Introdução às Relações Internacionais: Temas, atores e visões. Petrópolis: Vozes, 246 p.

PUTNAM, Robert D. (1993) Diplomacy and Domestic Politics: The logic of Two-Level Games. In: EVANS, P. B.; JACOBSON, H. K.; and PUTNAM, R. D. Double-Edged Diplomacy: International Bargaining and Domestic Politics. Berkeley: University of California, Press.

RIBEIRO, Darcy. (2006) O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 480 p.

ZAKARIA, Fareed. (2008) O mundo pós-americano. São Paulo: Companhia das Letras, 312 p.